



A atriz é Neza no filme que conta a história de Jorge Medeiros Vale

Betty Faria, dando uma força para o burguês

"A própria representação da vida". Assim, Betty Faria define seu personagem — Neza — no filme *O Bom Burguês*, de Oswaldo Caldeira, concorrente do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. O filme conta a história de um bancário que desvia dinheiro do banco em que trabalha para financiar organizações políticas esquerdistas.

— Nesse meio — explica Betty —, Neza é uma mulher de bancário, bem comportada, que fica ao lado do marido, mesmo sendo contra a postura política dele. Enquanto ele é quixotesco ela quer defender a vida conjugal e familiar. Classifico-a como uma suicida kamikase, afinal sabe de tudo, discorda e mantém-se ao seu lado.

Betty destaca ainda o carinho especial que tem pelo filme. "Atualmente, no Brasil, é muito difícil a gente ver um diretor que não queira fazer única e exclusivamente uma pornochanchada. O Oswaldo Caldeira e o produtor Paulo Thiago investiram numa coisa que nem sequer sabiam se daria retorno. Contrataram um super-elenc e iniciaram um trabalho, no qual eles acreditavam muito. Fizemos o filme, tudo ficou pronto antes das eleições do ano passado. Mas o medo da Censura era tanto, que resolveram esperar o resultado de 15 de novembro, pra ver se as coisas melhoravam. Era tão angustiante. Quando eu dava alguma entrevista, falava sobre o filme, mas não dizia o nome correto. Falava sempre "Jonas", que é o nome usado pelo bancário diante da organização clandestina. Todos da equipe se comportavam assim. Até que finalmente este ano *O Bom Burguês* apareceu, foi submetido à censura e nasceu. Então, o respeito que tenho por essas pessoas é muito grande e estou em Brasília dando força para Oswaldo e Thiago, duas figuras que acreditam realmente no que fazem.



Mino Pedroza

Parreira: "Nosso papel é de divulgar os filmes que serão julgados"

Embra desmente atritos com a Fundação

"O excesso de público no Cine Brasília quando da projeção de *Parahyba Mulher Macho*, que provocou desentendimentos entre jurados, público e organizadores do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, foi decorrência direta da promoção que envolveu o filme. O papel da Embrafilme, que também é uma concorrente do festival uma vez que co-produziu a maioria dos filmes, é desenvolvido no sentido de divulgar o certame. Em nenhum momento a Embra pretendeu ou pretende mandar em qualquer festival. As nossas relações com a Fundação Cultural do DF são cordiais e antigas, qualquer problema maior seria resolvido diretamente com a FICDF. Portanto, o que queremos na realidade é o sucesso. Tenho medo do fracasso".

As afirmações de Roberto Parreira, diretor-presidente da Empresa Brasileira de Filmes, feitas ontem, desmentem o clima de atrito entre a Embra e a Fundação, que foi veiculado pela imprensa. "Ajustamentos ocasionais" — prossegue Parreira — "surgem ao longo de um festival. Ficaria arrasado se não tivesse ninguém no cinema".

Dos 44 milhões de cruzeiros despendidos pelos organizadores para a realização do festival, 15 foram gastos pela Embra que investiu ainda 1 milhão para a realização do encontro das Associações Brasileiras de Documentaristas e 4 milhões entre divulgação, transporte, cópias de filmes. O custo do festival está compensado pelo nível apresentado pelas produções que segundo Parreira também terá boa apreciação por parte do público.

Preocupado com a maior combatividade do cinema brasileiro no mercado externo, Parreira anuncia que várias alternativas estão sendo estudadas. Consórcio para exportações, agentes de venda, e até mesmo uma trading mantida pelos produtores, estão sendo algumas das possibilidades estudadas.

"Agora mesmo estamos devolvendo para a iniciativa privada 4 dos 5 cinemas mantidos pela Embra", diz Parreira. "Ficaremos apenas com o Cine Gláubef Rocha, de Salvador que passaria a servir como modelo. No Brasil temos muitos auditórios e poucos cinemas e teatros. Estamos incentivando as exhibições paralelas através de escolas e fundações culturais".

"A Embra não tem nada contra o mercado de vídeo-cassete porque acredita que as locadoras de vídeo serão as grandes pontas do sistema de venda do cinema brasileiro" afirma Parreira que acrescenta que as empresas devem ser regulamentadas. Por outro lado, a Embrafilme concorda com os cineastas quanto à preservação do mercado para o cinema nacional, tópico que não é considerado pela portaria número 97 do Concine — Conselho Nacional de Cinema — e que entra em vigor a partir de amanhã. Os entendimentos para que o filme brasileiro tenha participação ativa no mercado de vídeo estão sendo feitos pelo UBV — União Brasileira de Vídeo, que reúne associações de vídeo-cassetes.

"Mesmo com todos os problemas sempre vale a pena fazer cinema, seja pelo filme, para o público ou pelas acusações", ensinava ontem, durante entrevista no St. Paul, o cineasta e mestre Alex Viany. Para o jornalista Pompeu de Souza, no debate realizado pela manhã, defendia o filme de Walter Lima Jr., *Inocência*; "o filme é pura brasilidade". A presença de Betty Faria, atriz de *O Bom Burguês*, de Oswaldo Caldeira, movimentou um pouco o ti-ti-ti deste XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro.

O azarão do festival será exibido hoje, *O Mágico e o Delegado*, de Fernando Coni Campos, juntamente com os curtas Newton Cavalcanti: *Quadro a Quadro* e *Mato Eles*, de Paulo Cesar Saraceni e Sérgio Bianchi, respectivamente. Apesar das sessões lotadas no Cine Brasília, a única exibição diária às 20:30 horas em Taguatinga e Guará tem atraído pouco público, nas cidades-satélites.

O presidente da Embrafilme, Roberto Parreira, desmentia qualquer desavença com a Fundação Cultural do DF, com quem divide a organização e divulgação do festival de Brasília, afirmando que "nós não queremos mandar em nenhum certame. Nosso papel é apoiar a divulgação dos filmes, afinal a Embra também concorre no festival. O público é quem vai dar a palavra final sobre a safra de filmes aqui apresentada".



Tânia Alves, atriz aparece também em *O Mágico e o Delegado*

As várias lições do mestre Alex Viany



Alex: "Sempre vale a pena fazer cinema"

"Para se fazer cinema tem de se amar muito essa arte. Não se meta a fazê-lo se não for com amor, afinal é uma vida inteira de dedicação". Este conselho não deve ser desperdiçado, pois é de Almiro Viviani Filho, ou Alex Viany, jornalista, argumentista, roteirista, crítico, historiador e cineasta, que no próximo ano completa 50 anos de atividades cinematográficas. Ele está na cidade acompanhando o XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro, por quem será homenageado no último dia com a exibição de seu último longa-metragem *A Noiva da Cidade*.

Este filme, iniciado em 1974, só foi concluído quatro anos depois, devido a dificuldades de produção. Reúne mais de 40 atores, entre os quais Grande Otelo e Elke Maravilha, e é dedicado a Humberto Mauro, autor do argumento original e pai do cinema brasileiro, segundo Alex Viany. "Mostra as situações e tipos essencialmente mineiros e, portanto, mineiros".

Alex Viany está em pleno tratamento de saúde, mas veio a Brasília acompanhar o Festival. Disse que viu todos os longas concorrentes, menos *Janete e 7 Dias de Agonia*. Esse último pretende assistir no sábado e ficou chateado de não poder ver o

primeiro, já exibido na segunda-feira.

— Gosto dos filmes desse Festival — comenta. *Inocência* é um grande filme. Estive conversando com o Walter Lima Júnior e lhe disse que sua fita é muito perigosa, por ser brasileira demais. O povo não está habituado com o cinema brasileiro que reflete a sua própria realidade. Além deste filme, gosto também de *O Mágico e o Delegado* e *Parahyba Mulher Macho*, dois grandes momentos do cinema nacional.

Indagado sobre as acusações feitas a Tisuka Yamazaki, de que esta teria se americanizado demais, Alex foi categórico: "Quem faz cinema sempre está correndo este risco. Eu mesmo fui criticado por isso. Não dava muita bola para o cinema nacional. Era inteiramente colonizado, por isso parti para a americanização do meu nome. Fui criado no cinema americano curtindo muita comédia e western, admirando Hitchcock, Ernest Lubitsch e Lewis Milestone. Para chegar ao cinema brasileiro tive de passar por Hollywood. Mesmo com todos os problemas sempre vale a pena fazer cinema, seja pelo filme, para o público ou pelas acusações".

Walter Lima: "A arte é anormalidade"

Ultrapassar a barreira da aparência. Este foi o lema do debate de ontem, realizado no Saint Paul Park Hotel, como parte integrante do XVI Festival de Brasília do Cinema Brasileiro. Composto a mesa os cineastas Walter Lima Júnior (*Inocência*) e Adrian Cooper (*Chapeleiros*), ator Edson Celulari, criador de Cirino — o amor de *Inocência* — e o assessor da Embrafilme, Alberto Flaksman. O clima, que se seguiu a linha do debate com Tisuka Yamazaki anteontem prometia ser ruim, muito pelo contrário, transcorreu na mais perfeita ordem, sem agressões baratas e ótimos questionamentos em torno do rumo da cinematografia nacional.

"Fiquei com medo de cobranças do público", comentava o presidente da Associação Brasileira de Imprensa — sessão DF (ABI-DF), Pompeu de Souza. "Quem acusar *Inocência* de descompromissado da realidade está totalmente enganado. O filme é pura brasilidade".

E... foi assim. Ninguém discutiu pormenores ou se o filme deveria ser assim ou assado. Questionou-se a linguagem, a forma utilizada, a procura dos cineastas para atingir o público. "Recuperar um cinema brasileiro que a gente não estava vendo há muito tempo pode ser saída para esta crise", disse Walter Lima Júnior.

— Hoje sinto que as pessoas cobram o posicionamento do Cinema Novo — continua. Essa de uma câmera na mão e uma idéia na cabeça foi a realidade de uma época. A gente tinha de fazer alguma coisa e fez. Só que depois aprendemos a jogar e agora o cinema brasileiro está muito próximo daquilo que é considerado como bom. Tivemos de reformular o discurso do Cinema Novo, que era fechado. O que aconteceu: ficou tudo muito teatral, as idéias ficaram no procênio, ficou preso. Frontalizer a linguagem virou trauma. Alguma coisa se perdeu lá atrás na impostação desse discurso e temos de buscá-la. Há uma certa sossidão, maniqueísta, onde a sociologia e a filosofia se adiantaram ao



Mino Pedroza

Walter Lima Jr. e Edson Celulari, diretor e ator de *Inocência*.

cinema. Isso foi perigoso porque foi vivido coletivamente.

Para Adrian Cooper, isso é bem exemplificado. "Alguém queria fazer um documentário, então pegava as pessoas falando. A coisa se fechava apenas para o narrador, para que ninguém pensasse. O cineasta ficava escondido atrás do filme, o narrador falava por ele. Chapeleiros mostra a situação de uma fábrica, o processo industrial. A palavra não existe, portanto deu espaço para o espectador pensar e

ouvir a partir do que está vendo. Toda exibição é uma descoberta".

Entre os comentários ouvidos pelos cantos ficou uma frase: "Este é um Festival de filmes poéticos, cada um a sua maneira". O que se percebe, de repente, é essa busca de uma, ou umas, linguagem que atinja o público, sem a preocupação de ser careta ou não, nada de coisas normais. "Arte é anormalidade", dizia Walter Lima Júnior, pra que explicar...

Pelos ventres das baleias

Estão cravadas três cruces. Na do meio, tem um corpo que já nasceu santo. Mas o que interessa são os ilustres passageiros da agonia que viajam ao lado. Estão amarrados, à direita e esquerda do Filho do Pai, o bom burguês e o mau burguês. Eles, como manda o futebol moderno, trocam de posição, dependendo do ângulo da câmera. O juiz, coletivo, não apita. O resultado bode: o bom burguês, que é Lucas, foi acolhido pelo ventre da baleia, já que Jonas, na esparta clandestinidade. Neza é neza mesmo, nasceu pra isso.

Os ilustres passageiros do milagre são Thomas (Jardel Filho) e Lucas — Jonas (José Wilker). Na periferia, Joana (Cristiani Torloni), irmã de Lucas Jonas, e a Neza que Betty Faria faz.

Neza tem a função de pedir um beijo antes de Lucky Jones aprontar qualquer gesto revolucionário. Comporta-se como a boa mãe zelosa, pronta para a Revolução — "mas antes me dá um beijo".

Depois de Pra Frente Brasil, de R. Faria, eis aí o jeitinho brasileiro dando certo mais uma vez — falar do passado recente com a pintura de Rafael. Impressionar a expressão, eis a questão.

Tem um bancário, o Lucas, que desvia dinheiro do banco em que tem cargo de confiança. Tem dois chefes de organizações clandestinas, o inevitável Velho, do Partido Comunista, que não quer a luta armada, e o Comandante Raul, que quer dar uma porção de tiros (Jofre Soares e Nelson Xavier).

No ventre da baleia a vida é tão mais calma. Nada incomoda o idealismo de Jonas, como uma canção do rock rural já falou. Ai todo mundo (num lance nada antropológico, diga-se) vem



Cristiani Torloni, numa cena de *O Bom Burguês*

de cardápio), se come. Doses homeopáticas são ministradas ao elefante que virou filme, um sequestro de embaixador pode ter contraponto com pescaria. Muito original, como se banana só estivesse a fim de um cacho.

O que acontece com *O Bom Burguês* é um negócio bem curioso — Costa — Garças não nasceu aqui. Então, bota de frente e costas de preferência mostrando as belas torturadas. D. H. Lawrence já falou mais, melhor e com mais propriedade sobre um assunto que é filão — thriller político, no Brasil, tá mais prestes a Nelson Rodrigues. Um bom filme sobre a desesperança. *O Bom Burguês* acaba sacrificando o espectador com o bom bocado da cocada, quando o caso é mostrar os ingredientes que fazem desta terra uma feijoada. A melhor definição do filme fica por conta do embaixador sulço sequestrado — "Você é uma moça de olhos lindos". É que Joana usava um enorme capuz.

Carnaval e a navalha na carne

Carnaval, o Aval da Carne, é dedicado a Glauber Rocha e Zuenir Ventura. Dois que sabem dançar bolero no carnaval. O filme de Carlos Marques e Ralph Justino convida todo mundo a dançar pelo outro lado da orquestra que é liberação, pelo outro lado dessa festa.

Descarrega seu corpo e alma, que a válvula tá solta, diz o calendário oficial. Costa — esse presunto que daqui a pouco ele começa a feder. A gente lava a alma

outra hora, dizem os médicos, essa profissão que acostuma a lidar com a dor.

Olha, é um grande filme feio. Porque tristeza não tem fim, o refrão que acompanha blocos e escolas de samba, em contraponto com o IML, um prédio de nojo. IML — Irmãos da Morte Literar, onde a cuica ronca com jeito de suspiro final. Um bom enredo pra carnavais que virão. Tem um incrível sargento, que troca a farda de plantão por uma fantasia de qualquer coisa parecida com índio. Tem um enterro, onde o Pai Nosso que está no céu nem se toca com o apelo clássico — não deixa a gente cair em tentação.

Não dá pra ficar livre das tentações do Mal, quando ele come lagosta enquanto o abre-alas tá se virando pra comer arroz e macarrão, dia sim, dois dias não, amanhã quem sabe, na quarta-feira de cinzas, ninguém sabe. Carnaval e cinzas, por aí se crema o aval da carne. No frigorífico ninguém boceja. É um cigarro atrás do outro pra costura, é exposição braba pra quem sobrou. E nós não sabemos?

Um samba enredo pra ninguém botar defeito. Dançamos um bolero composto pra nós. A trama é um palco, a rede é um ato só. Pai Nosso que está na terra, esquece da gente. Eu não vou perder meu tempo na avenida louvando você. Eu quero é muito e sempre. Porque tristeza não tem fim, felicidade sim, eu quero a cuica que o gato vai pegar pelo rabo e fazer avenida. A gente (não agente), gosta de samba, mas odeia a idéia de sambar na mão dos outros. Principalmente daqueles outros.